

RELAÇÕES DE TRABALHO NA CAFEICULTURA PAULISTA¹

VEIGA, J.E.R.²; VICENTE, M.C.M.³; BAPTISTELLA, C.S.L.⁴ E OTANI, M.N.⁵

¹ Este trabalho contou com o apoio financeiro do Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café, coordenado pela EMBRAPA em convênio com a Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola (FUNDAG); ² Engenheiro-Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola, <zeveiga@iea.sp.gov.br>; ³ Engenheira-Agrônoma, Dra., Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola, <carlota@iea.sp.gov.br>; ⁴ Socióloga, Mestre, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola, <celma@iea.sp.gov.br>; ⁵ Sociólogo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola, <maliotani@iea.sp.gov.br>

RESUMO: A retomada dos investimentos na lavoura do café levou a uma expansão significativa da produção em função principalmente de inovações nas formas de cultivo e do aumento de produtividade. Este estudo considera que a retomada poderá contribuir para a estratégia de conciliar o crescimento econômico com o emprego da mão de obra rural – além de viabilizar a produção familiar – e, também, realça a importância histórica do café para o mercado de trabalho agrícola, atualiza as relações de trabalho na cafeicultura paulista e faz um diagnóstico da situação do emprego com ênfase nas transformações decorrentes do processo de modernização desta cultura.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivo geral realizar um diagnóstico da situação atual do emprego na cafeicultura paulista. Os objetivos específicos compreenderam:

- identificar o contingente da população trabalhadora permanente por função (proprietário, arrendatário, parceiro, colono, mensalista, diarista, empreiteiro e outros) e por sexo. Incluíram-se, também, o levantamento da forma e o valor do pagamento;
- quantificar a ocupação da mão-de-obra utilizada durante o ano agrícola em dias-homens (serviços por unidade de área), desde o preparo do terreno à colheita; e
- analisar o desenvolvimento das técnicas utilizadas na cafeicultura paulista nos últimos dez anos.

DISCUSSÃO PRELIMINAR

A década de 60 foi marcada pelo processo de erradicação do café, quando só o Estado de São Paulo perderia 299 milhões de pés entre 1962 e 1967, sem contar os 166 milhões erradicados

independentemente (estimulados pelo maior financiamento à diversificação da produção). Depois da erradicação, a necessária retomada do produto teria ocorrido se a formulação do ‘Plano Trienal de Renovação e Recuperação do Café’ para 1972-1973 e 1974-1975, que oferecia financiamento fácil para replantio e crédito especial para a preparação de sementeiras e para fertilizantes, não tivesse sido frustrada por uma das mais fortes geadas já ocorridas nas principais regiões cafeeiras e que destruiu a grande proporção dos pés atingidos, bloqueando, assim, as expectativas de geração de emprego.

A retomada da cafeicultura em bases e projetos mais sólidos, batizada por especialistas como ‘a redescoberta do café no Brasil’ – sob a égide do sistema agro-industrial (SAG) -, faz-se notar em 1998, quando o café representou 5% do total das exportações, significando US\$ 2,6 bilhões de divisas com exportação (SAES & FARINA, 1999). Enfim, a retomada é fundamental porque o café é uma lavoura estratégica para o emprego agrícola. Como argumento para sustentação e propagação dessa idéia vale a referência de um artigo recente de Ignacy SACHS (2001), em que o autor, analisando relatório publicado pela Secretaria das Nações Unidas (*World Economic and Social Survey*, 2000, Nova York) – onde se discute o papel vital da agricultura na luta contra a pobreza –, cita dados da Fundação Seade, relativos a 1999, mostrando a geração de emprego das principais culturas agrícolas. Assinala que o café emprega uma pessoa em cada 2,7 hectares, enquanto para toda a agricultura a média é de um emprego por 10 hectares (sendo todos os dados em equivalente homens/ano). Saliente-se que a mecanização da colheita em áreas propícias é inevitável.

METODOLOGIA

Os dados sobre evolução das técnicas utilizadas na cultura do café foram obtidos por meio de levantamento amostral denominado Objetivo, composto de 3.622 elementos (imóveis rurais), realizado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) e pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI).

Para o diagnóstico da situação do emprego na cafeicultura paulista, realizou-se um levantamento específico sobre a ocupação da mão-de-obra, com delineamento amostral composto por 580 Unidades de Produção Agropecuária (UPAs). O questionário foi elaborado visando obter informações quantitativas relativas ao número de trabalhadores permanentes (familiares e assalariados) por categoria, sexo e remuneração, número de diárias pagas aos trabalhadores temporários, por operação agrícola, e a forma de contrato utilizada para arremeter o trabalhador volante (bóia-fria). Do ponto de vista qualitativo, foram realizadas entrevistas pessoais com os diversos segmentos sociais relacionados com a cafeicultura local, no sentido de captar as mudanças ocorridas

RESULTADOS OBTIDOS

Em função do tamanho do cafezal e da declividade do terreno, a cultura do café pode ser conduzida com técnicas que englobam desde operações manuais e tração animal até a mecanização quase total. A operação de preparo do terreno para o plantio de novos cafezais empregou apenas 0,6% do total de dias-homem utilizado em 1997/98. Esse mesmo percentual foi observado em 1991/92, contra apenas 0,2% em 1988/89. Em 1997/98 ainda era significativo o percentual de área arada e gradeada com tração animal no Estado (39,5%), destacando-se os imóveis até 20 ha (89,5%), embora tenha ocorrido crescimento do emprego de trator na área arada, de 33,5% em 1988/89 para 60,5% em 1997/98, o que se deve, em parte, aos plantios em terrenos com acentuada declividade (Tabela 1).

Tabela 1- Percentual de dias-homem ocupados, de área arada, de pés plantados e capinados, segundo a operação agrícola e o processo utilizado na cultura do café, Estado de São Paulo, 1988/89 a 1997/98

Operação	1988/89	1991/92	1997/98
Dias-Homem			
Preparo do Terreno	0,2	0,6	0,6
Plantio e Adubação	0,5	0,2	1,6
Na Adubação em Cobertura	3,6	4,1	2,8
Tratos Culturais	38,4	40,2	22,4
Colheita	57,3	55,0	72,6
Aração e gradeação			
Com Trator	33,5	32,9	60,5
Animal	66,5	67,1	39,5
Plantio			
Manual	75,5	69,2	76,6
Manual com auxílio de Equipamentos	24,5	30,8	23,4
Capina			
Enxada (1)	43,9	33,3	30,7
Animal	18,5	15,5	7,6
Trator e Implementos	26,0	32,9	21,0
Herbicidas	11,6	18,3	40,7

(1) Não inclui a coroação.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coodenadoria de Assistência Técnica Integral.

O plantio manual com auxílio de equipamentos (por exemplo, o sulcador) foi efetuado em 23,4% do total de pés plantados em 1997/98, sendo esse valor ligeiramente menor ao percentual observado no

final da década de oitenta. Em termos de ocupação da mão-de-obra, o plantio e adubação corresponderam a 1,6% do total ocupado na safra 1997/98, contra apenas 0,2% em 1991/92.

No período de 1988/89 a 1997/98 foi crescente o emprego de herbicidas no controle do mato, quando o percentual de emprego desta técnica foi de 11,6% para 40,7% dos pés capinados, em detrimento do uso de enxada, de trator e implementos (grade ou roçadeira) e de animais. Da mesma forma, o número de capinas realizadas durante a safra diminuiu para todos os tipos, exceto para herbicidas, passando de uma média de 1,4 capina por safra em 1988/89 para 1,9 em 1997/98, ou seja, um crescimento da ordem de 35%. O avanço da capina química tem levado a uma diminuição na mão-de-obra utilizada nos tratos culturais. Se no início da década os tratos culturais correspondiam a cerca de 40% do total de mão-de-obra ocupada na safra, em 1997/98 esse valor passou para 22,4%.

Ao comparar a utilização de mão-de-obra nas diferentes operações agrícolas, verifica-se que a colheita absorveu 72,6% do total de dias-homem ocupados na cafeicultura em 1997/98. Para 1988/89 e 1991/92 os percentuais de participação foram de 57,3 e 55,0%, respectivamente. É a operação que mais emprega mão-de-obra comum, ocupando no Estado de São Paulo cerca de 8.973,8 mil dias-homem, em 1997/98. Considerando o período de colheita de abril a setembro, ou seja, 180 dias, chega-se a um total de 50 mil pessoas ocupadas.

Atualmente, várias modalidades de colheita estão disponíveis, o que permite ao produtor decidir entre colheita manual, manual/mecânica e exclusivamente mecânica. Aspectos como topografia e tamanho das lavouras devem ser considerados na tomada de decisão sobre o sistema a ser adotado (VEGRO et al., 2000).

A colheita manual foi efetuada em 94% do total de pés colhidos em 1991/92 e em 1997/98, mas as indicações para os anos posteriores é de aumento na proporção do sistema manual, com auxílio de equipamentos motorizados, bem como da colheita mecânica. Essa transformação no processo produtivo da cultura será sem dúvida a mais marcante, visto que a mecanização da colheita representa importante fator para a melhoria da competitividade, uma vez que possibilita a redução de custo nesta operação de até 1/3 em relação à colheita manual (VEGRO et al., 2000). Os resultados apresentados mostram a direção do processo de transformações na cafeicultura paulista, objetivando a redução dos custos de formação e de produção dos cafezais.

4.1 Atualização das Relações de Trabalho na Cafeicultura Paulista

A cultura do café ocupa considerável contingente de trabalho familiar no Estado de São Paulo. Segundo dados em levantamento especial, na safra 1999/2000 havia 51.701 produtores e familiares

trabalhando permanentemente nas propriedades. Desse total, a grande maioria é composta de proprietários (72%), enquanto os parceiros aparecem em menor proporção (26%) e os arrendatários são pouco expressivos (2%). Os produtores com mais de 65 anos representam 14% do total dessa população (Tabela 2).

O trabalho do proprietário e familiares na cultura do café é comum em todo o Estado, com predomínio do trabalho masculino (79%) sobre o feminino (21%). É significativa a parcela de proprietários que residem nos imóveis (59%), por ser uma cultura que demanda cuidados constantes.

Tabela 2 - Trabalhadores familiares e assalariados, Estado de São Paulo, setembro de 1999 a agosto de 2000

Trabalhadores Familiares										
Categoria	Homens	%	Mulheres	%	Total	%	Residentes	%	> 65 anos	%
Proprietários e familiares	29.321	72	7.689	70	37.009	72	21.897	65	5.037	70
Arrendatários e familiares	716	2	174	2	890	2	304	4
Parceiros e familiares	10.733	26	3.069	28	13.802	27	10.861	32	1.851	26
Total	40.770	100	10.932	100	51.701	100	7.193	100
Trabalhadores Assalariados										
Categoria	Homens	%	Mulheres	%	Total	%	Residentes	%	> 65 anos	%
Gerente	209	-	-	-	209	-	107	-	24	2
Administrador	8.486	13	-	-	8.486	12	5.112	10	78	5
Tratorista	4.174	6	134	3	4.307	6	3.511	7	42	3
Mensalista	52.286	80	5.034	97	57.320	82	43.575	83	1.361	90
Total	65.155	100	5.168	100	70.3220	100	52.305	100	1.505	100

(. . .) Dado não disponível.

Fonte: Dados Básicos do Levantamento Específico sobre Ocupação de Mão-de-Obra na Cafeicultura.

Essa característica é importante principalmente para os agricultores familiares, que são bastante significativos no Estado de São Paulo pois têm nesta cultura de alto valor de mercado uma estratégia importante para viabilizar a sua reprodução social. A produção de café oferece para este grupo de produtores a alternativa de produzir café adensado (VEGRO et al.) - técnica de manejo diferenciado que eleva a produtividade - e também a opção de produzir cafés especiais (SOUZA et al., 2000) -, que já desperta interesse nos mercados europeu e japonês. Essas práticas, por demandar maiores e permanentes cuidados no seu preparo, se adequam às unidades de produção que têm área reduzida, mas, em contrapartida, têm disponibilidade de mão-de-obra assegurada internamente.

O levantamento específico para café estimou para 99/00 13.892 parceiros, que representam 26% do total de produtores familiares de café. Efetuando-se paralelo com a parceria de forma geral, representam cerca de 49% do total, ou seja, quase metade das parcerias são realizadas com o café (Tabela

2). Em São Paulo, essa categoria de produtor foi encontrada principalmente na regional de São João da Boa Vista (19% do total do Estado), Bragança Paulista (17%), Andradina (15%) e Dracena (13%).

Já os arrendatários de café são pouco significativos no Estado, totalizando somente 890 produtores. Aparecem nas seguintes proporções em relação ao total dos municípios: em São João da Boa Vista (5%), Franca (2%), São José do Rio Preto (7%) e Ourinhos (4%).

Apesar da redução na demanda por trabalho, o café ainda é uma das culturas que mais empregam ao longo do ano: a cada grupo de 6.661 pés de café há um trabalhador fixo.

Assim, no Estado, registrou-se um total de 70.322 assalariados fixos – melhores qualificados - que trabalhavam em imóveis com café, com a significativa parcela de 74% deles residindo nos locais de trabalho. Constituem-se principalmente de homens, 93%, e as mulheres representam 7%. Do total de 122.203 pessoas que trabalham permanentemente nos imóveis, 58% correspondem aos assalariados fixos (Tabela 2).

O mensalista, ou seja, o encarregado de serviços gerais (dos tratos culturais, do manejo, do preparo da secagem, no terreiro, etc.), é a categoria mais numerosa e totaliza 57.320 trabalhadores, sendo que os homens representam 91% do total. As demais categorias são os tratoristas (4.307), o administrador (8.486) e o gerente (209). O piso salarial dos trabalhadores rurais é definido em acordo entre os Sindicatos dos Produtores e dos Trabalhadores, sendo em geral mais elevado do que o determinado pelo Governo Federal.

Foram pagas 7.112.623 diárias para os temporários na safra agrícola 1999/00. São mais numerosos em São João da Boa Vista, Franca, Marília, Andradina e Ourinhos, contratados principalmente na colheita, período em que são pagas 79,0% das diárias do ano agrícola, e arregimentados em proporção menor para o plantio e adubação (3,2% das diárias) e para o preparo do terreno (1,6%) (Tabela 3).

Tabela 3 - Número de diárias pagas aos trabalhadores temporários, por operação agrícola, Estado de São Paulo, setembro de 1999 a agosto de 2000

Operação	Diárias Pagas	(%)
Preparo do Terreno	116.156	1,6
Plantio e Adubação	228.587	3,2
Adubação em Cobertura	-	-
Tratos Culturais	1.148.874	16,2
Colheita	5.619.006	79,0
Total	7.112.623	100,0

Fonte: Dados Básicos do Levantamento Específico sobre Ocupação de Mão-de-Obra na Cafeicultura.

Segundo a experiência de um produtor que mecanizou a colheita do café, “em época de boa safra chega-se a diminuir em até 70% o custo da colheita”. Cabe lembrar que a mecanização demanda mão-de-obra mais qualificada, como os tratoristas, mecânicos, etc., e também de volantes para complementar as operações das máquinas, como parte da finalização da colheita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa desenvolveu uma metodologia para dimensionar a ocupação e o emprego na cafeicultura paulista – cujo alcance é factível para todas as regiões produtoras de café. E comprova ser a cultura do café de grande abrangência no que se refere à condução das técnicas, o que se traduz na diferenciação entre os sistemas cafeeiros. Comprova, também, que o emprego da mão-de-obra varia conforme as práticas adotadas para diminuir os custos e aumentar a competitividade do setor.

O trabalho mostra que nas etapas de formação e/ou manutenção do cafezal predomina o trabalho permanente – residente ou não na propriedade -, o que explica em boa parte o sucesso da inserção da pequena produção familiar nesta atividade (muitas vezes na forma de parceria) e a maior fixação de população trabalhadora rural nos locais ou regiões onde o café tem importância econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SACHS, Ignacy. Fórmula da ONU contra Armadilha da Pobreza. **O Estado de São Paulo**, 06/01/2000.
- SAES, Maria Sylvia M.& FARINA, Elizabeth M.M.Q. **O Agribusiness do Café no Brasil**. Pensa/Editora Milkbizz, São Paulo, 1999, 218 pgs.
- SOUZA, M.C.M.; SAES, M.S.M.; OTANI, M.N. Pequenos Produtores e o Segmento de Cafés Especiais no Brasil: uma abordagem preliminar. **Anais do X Simpósio IFSA – International Farming System Research Association**, Santiago, 27 a 29 de novembro de 2000.
- VEGRO, Celso L.R.; MARTIN, Nelson B.; MORICOCHI, Luiz. Sistema de produção e competitividade da cafeicultura paulista. **Informações Econômicas**, SP, 30(6):7-44, jun. 2000.